

Realizando sonhos

Desde pequeno, Matheus Costa da Cruz, 21 anos, via os Estados Unidos como o destino dos seus sonhos. Por conta dos famosos pontos turísticos, como a Times Square, em Nova York, as belezas da Disney ou o encanto de Hollywood, visualizava o seu futuro no país. Logo, quando a oportunidade para ser intercambista apareceu, não pensou duas vezes. A mudança na vida de Matheus começou no fim de 2023, criando terreno para um 2024 bem diferente.

“A duração do programa é de três a seis meses, vim somente com a passagem de vinda, pois quero ficar até quando puder. É uma experiência completamente diferente de tudo que eu já vivi, espero poder vivenciar novas culturas, novos hábitos e costumes e, através disso, poder enxergar a vida com outra perspectiva, pois estou lidando com várias realidades diferentes, pessoas de vários lugares do mundo e costumes totalmente diferentes dos meus”, detalha Matheus.

O planejamento para a mudança começou há um e meio, quando decidiu que tentaria viver esse desafio. Começaram, assim, as pesquisas e os sacrifícios financeiros, abrindo mão de gastos com coisas supérfluas. Para economizar e arcar com os custos, deixou de sair com amigos, priorizando o conforto dentro da própria casa.

“Tudo é bem caro. Um aspecto difícil, também, é a insegurança antes de vir. Pois ter consciência de que você está indo para um país que não conhece nada, onde não tem família, amigos, que você vai trabalhar para se sustentar é, de fato, algo que gera insegurança. Mas, quando você chega aqui e vive um dia de cada vez, entende que tudo é uma questão de tempo”, diz o jovem.

Bom começo

Atualmente, Matheus está trabalhando de housekeeper num resort em Pagosa Springs, no Colorado.



Arquivo pessoal

Em dezembro, Matheus se mudou em um programa de intercâmbio para conhecer os EUA

“Housekeeping é um trabalho de organização e limpeza do quarto para a chegada de novas pessoas nesse cômodo”, explica. Para o jovem, sair de onde vive, ver e entender que a vida é mais do que ele sempre esteve acostumado a enxergar é um privilégio. Inclusive, adquirir independência era uma das vontades de Matheus, já que, agora, nessa nova realidade, resolve todas as questões pessoais sozinho.

“Sou eu fazendo minha comida, trabalhando para pagar o housing, limpando casa, lavando roupas, organizando minhas coisas. Não posso depender de ninguém para realizar isso por mim”, afirma. No entanto, mesmo com os desafios naturais desse início avassalador, ele ressalta: o lugar é deslumbrante. A adaptação está tranquila no momento. A maior dificuldade, de acordo com ele, é o fuso horário, pois são quatro horas a menos que no Brasil. Matheus acorda bem cedo, basicamente na mesma rotina que vivia em solo brasileiro.

O primeiro choque de realidade está relacionado ao idioma, pois apesar de falar inglês há muito tempo, somente ao chegar nos Estados Unidos entendeu que não teria mais a língua materna para se expressar da maneira que sempre esteve habituado. “A adaptação está tranquila, pois vivo com outros brasileiros intercambistas, todos se ajudam muito, são unidos e amigáveis e estão aqui com o mesmo propósito. Fui muito abençoado por isso”, acrescenta.

Apesar dos momentos e memórias que tem acumulado, a parte mais difícil é conviver com a saudade dos amigos e familiares. Estar do outro lado do mundo sem essa convivência é um sacrifício que Matheus precisa fazer em prol do crescimento e do desenvolvimento dele próprio. Esse será o primeiro Natal, aniversário e ano-novo distante. “Nosso contato agora é somente por meio de ligações e mensagens, além de interações nas redes sociais. Ainda está muito estranho lidar com isso.”

Para se preparar

Gustavo de Faria Franco, membro da Comissão de Intercâmbio de Jovens do Distrito 4530 do Rotary (Distrito Federal, Tocantins e Goiás), explica que existem diferentes tipos de intercâmbio, desde os comerciais até os não comerciais. Mas, para se planejar, é necessário fazer certos sacrifícios.

“Se está realmente interessado em deixar sua família e seus amigos por um ano e mergulhar em uma experiência que, quase sempre, é a melhor de sua vida, precisa pensar que, em primeiro lugar, não se trata de uma viagem de turismo, mas, sim, um intercâmbio cultural. Ou seja, levamos a nossa cultura para que possamos divulgá-la, e vamos com a mente aberta para absorver tudo o que for possível da cultura do país para onde iremos”, destaca.

Para isso, de acordo com Gustavo, o indivíduo deve se preparar aprendendo o básico da língua do país que irá recebê-lo. O aprendizado de um idioma estrangeiro é uma consequência da prática e da convivência no local em que o intercambista estará inserido. “Quanto menos português falar, melhor e mais rápido se aprende”, complementa.

O que é necessário?

Na avaliação de Gustavo, as necessidades variam de acordo com o tipo de intercâmbio escolhido. Inicialmente, precisa-se fazer a inscrição com todas as suas informações. Se for um comercial, o mais importante é ter o valor para custear, o que não costuma ser barato. Variando de R\$ 50 mil a R\$ 90 mil, dependendo do país escolhido.

Se não for um comercial, é preciso estar mais bem preparado para o exame de seleção. No caso do Rotary Club, onde Gustavo atua, é necessário apresentar três famílias para que recebam o estudante que virá em contrapartida do intercâmbio. Ele, inclusive, afirma que estar de coração aberto para ser recebido por uma família anfitriã ajuda no processo.

Os processos, a depender de cada caso, saem de maneira simples. “No Rotary Club, é feita uma seleção, que costuma acontecer no período de um final de semana, constando de provas de conhecimentos gerais, conhecimentos de inglês, redação e teste psicotécnico. Mas, em primeiro lugar, o candidato tem que ser apresentado por um clube de Rotary, que já teve a oportunidade de conhecer o estudante e sua família, respaldando a sua indicação.